

Edmund Husserl, *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to a Pure Phenomenology*, trad. (alemão) de F. Kersten (The Hague [u.a.]: Springer, 1982), 51-52.

O 27º parágrafo de *Ideias Referentes a uma Fenomenologia Pura e a uma Filosofia Fenomenológica*, de Edmund Husserl (1859-1938), livro primeiramente publicado em 1913, intitula-se “O Mundo da Atitude Natural: Eu e o Meu Mundo Circundante”. Insere-se no 1º capítulo, “A Posição que Pertence à Atitude Natural e a sua Exclusão”, da 2ª parte da obra, “As Considerações Fundamentais para a Fenomenologia”.

“Nós começamos as nossas considerações enquanto seres humanos que estão a viver naturalmente, a objetivar, a julgar, a sentir, a querer “*na atitude natural*”.¹ O que tal significa, iremos esclarecer em meditações simples que podem ser melhor levadas a cabo na primeira pessoa do singular.²

Eu estou consciente de um mundo disseminado no espaço de modo inacabável, infindavelmente debutante e tendo interminavelmente começado no tempo.³ Eu tenho consciência disso: isso significa, acima de tudo, que encontro-o imediatamente de modo intuitivo, que o experiencio.⁴ Através da minha visão, tato, audição, e por aí adiante, e nos diferentes modos de percepção sensível, coisas físicas e corpóreas com alguma ou outra distribuição espacial estão *simplesmente aí para mim*, “à mão” no sentido literal ou figurativo, quer eu esteja particularmente vigilante quanto às mesmas e com as mesmas ocupado nas minhas considerações, no meu pensar, sentir ou querer.⁵ Seres animados também – seres humanos, seja-nos permitido dizer – estão imediatamente aí para mim: eu olho; eu vejo-os; escuto a sua aproximação; agarro as suas mãos; ao falar com eles eu compreendo imediatamente o que eles objetivam e pensam, que sentimentos mexem dentro deles, o que desejam ou querem.⁶ Eles também

1 «We begin our considerations as human beings who are living naturally, objectivating, judging, feeling, willing “*in the natural attitude*.”»

2 «What that signifies we shall make clear in simple meditations which can best be carried out in the first person singular.»

3 «I am conscious of a world endlessly spread out in space, endlessly becoming and having endlessly become in time.»

4 «I am conscious of it: that signifies, above all, that intuitively I find it immediately, that I experience it.»

5 «By my seeing, touching, hearing, and so forth, and in the different modes of sensuous perception, corporeal physical things, with some spatial distribution or other are *simply there for me*, “*on hand*” in the literal or the figurative sense, whether or not I am particularly heedful of them and busied with them in my considering, thinking, feeling, or willing.»

6 «Animate beings too – human beings, let us say – are immediately there for me: I look up; I see them; I Hear their approach; I grasp their hands; talking with them I understand immediately what they objectivate and think, what feelings stir within them, what they wish or will.»

estão presentes como atualidades no meu campo de intuição, mesmo quando eu não os vigio.⁷ Mas não é necessário que eles, e de igual modo que outros objetos, se encontrem diretamente no meu *campo de percepção*.⁸ Junto àqueles agora percebidos, outros objetos existentes estão aí para mim como determinados, como mais ou menos bem conhecidos, sem serem esses mesmos percebidos ou, de facto, presentes em qualquer outro modo de intuição.⁹ Eu posso deixar a minha atenção vagar/[errar] para longe da escrivaninha que fora agora mesmo vista e notada, pelas partes do quarto que estão atrás de mim, para a varanda, pelo jardim adentro, para as crianças na árvore, etc., para todos os Objetos de que diretamente tenho “conhecimento de” enquanto estando aí e aqui nos arredores de onde há também consciência – um “conhecimento deles” que não envolve pensamento conceptual e que se torna numa intuição clara apenas com a advertência da atenção, e mesmo então apenas parcialmente e, na sua maior parte, de modo muito imperfeito.¹⁰

Mas nem mesmo com o domínio deste intuitivamente claro ou obscuro, distinto ou indistinto, *co-presente* – que inventa um halo constante em torno do campo de percepção atual – é o mundo esgotado que está “à mão” para mim no modo que é peculiar à consciência em cada momento de vigília.¹¹ Pelo contrário, na ordem fixa do seu ser, alcança até o ilimitado.¹² O que é agora percebido e aquilo que é mais ou menos claramente co-presente e determinado (ou, pelo menos, até certo ponto determinado), são penetrados e circundados por um horizonte de atualidade indeterminada que é obscuramente pretendido.¹³ Eu posso enviar raios da consideração luminosa da atenção para este horizonte com resultados variados.¹⁴ Determinar apresentações, primeiramente obscuras e então tornando-se vivas, puxa/[carrega/transporta] algo para mim; uma cadeia de tais quase-memórias está conjuntamente ligada; a esfera de determinação torna-se cada vez mais ampla, talvez tão ampla que seja efetuada a conexão com o

7 «They are also present as actualities in my field of intuition even when I do not heed them.»

8 «But it is not necessary that they, and likewise that other objects, be found directly in my *field of perception*.»

9 «Along with the ones now perceived, other actual objects are there for me as determinate, as more or less well known, without being themselves perceived or, indeed, present in any other mode of intuition.»

10 «I can let my attention wander away from the writing table which was just now seen and noticed, out through the unseen parts of the room which are behind my back, to the verandah, into the garden, to the children in the arbor, etc., to all the Objects I directly “know of” as being there and here in the surroundings of which there is also consciousness – a “knowing of them” which involves no conceptual thinking and which changes into a clear intuiting only with the advertence of attention, and even then only partially and for the most part very imperfectly.»

11 «But not even with the domain of this intuitively clear or obscure, distinct or indistinct, *co-present* – which makes up a constant halo around the field of actual perception – is the world exhausted which is “on hand” for me in the manner peculiar to consciousness at every waking moment.»

12 «On the contrary, in the fixed order of its being, it reaches into the unlimited.»

13 «What is now perceived and what is more or less clearly co-present and determinate (or at least somewhat determinate), are penetrated and surrounded by an *obscurely intended to horizon of indeterminate actuality*.»

14 «I can send rays of the illuminative regard of attention into this horizon with varying results.»

campo de percepção atual enquanto as minhas cercanias *centrais*.¹⁵ Mas geralmente o resultado é diferente: um misto vazio de indeterminação obscura é povoado[/preenchido] com possibilidades ou probabilidades intuídas; e apenas a “forma” do mundo, precisamente enquanto “o mundo”, é delineada previamente.¹⁶ Para além disso, as minhas cercanias indeterminadas são infinitas, o horizonte enevado e nunca completamente determinável está necessariamente aí.¹⁷

Qual é o caso com o mundo enquanto existindo na ordem do presente espacial, que eu acabei de traçar, é também o caso com respeito à sua *ordem na sequência do tempo*.¹⁸ Este mundo, à mão para mim agora e manifestamente em todo o Agora de vigília, tem o seu horizonte temporal bilateralmente infinito, o seu conhecido e desconhecido, passado e futuro vivendo imediatamente e sem vida.¹⁹ Na atividade livre de experienciar que faz o que é presente intuído, eu posso traçar estas inter-relações da atualidade que imediatamente me rodeia[/circunda].²⁰

Eu posso mudar o meu ponto de vista no espaço e no tempo, voltar a minha consideração nesta ou naquela direção, para a frente ou para trás no tempo; posso sempre obter novas percepções e apresentações, mais ou menos claras e mais ou menos ricas em conteúdo, ou então imagens mais ou menos claras nas quais ilustro para mim próprio intuitivamente aquilo que é possível ou provável dentro das formas fixas de um mundo espacial e temporal.²¹ Na minha consciência vigilante, eu encontro-me desta maneira em todos os momentos, e sem nunca ser capaz de alterar o facto, em relação ao mundo que permanece um e o mesmo, se bem que em mudança com respeito à composição dos seus conteúdos.²² Está continuamente “à mão” para mim e eu próprio sou

15 «Determining presentations, obscure at first and then becoming alive, haul something out for me; a chain of such quasi-memories is linked together; the sphere of determinateness becomes wider and wider, perhaps so wide that connection is made with the field of actual perception as my *central* surroundings.»

16 «But generally the result is different: an empty mist of obscure indeterminateness is populated with intuited possibilities or likelihoods; and only the “form” of the world, precisely as “the world,” is predelineated.»

17 «Moreover, my indeterminate surrounding are infinite, the misty and never fully determinable horizon is necessarily there.»

18 «What is the case with the world as existing in the order of the spatial present, which I have just been tracing, is also the case with respect to its *order in the sequence of time*.»

19 «This world, on hand for me now and manifestly in every waking Now, has its two-sidedly infinite temporal horizon, its known and unknown, immediately living and lifeless past and future.»

20 «In the free activity of experiencing which makes what is present intuited, I can trace these interrelations of the actuality immediately surrounding me.»

21 «I can change my standpoint in space and time, turn my regard in this or that direction, forwards or backwards in time; I can always obtain new perceptions and presentations, more or less clear and more or less rich in content, or else more or less clear images in which I illustrate to myself intuitively what is possible or likely within the fixed forms of a spatial and temporal world.»

22 «In my waking consciousness I find myself in this manner at all times, and without ever being able to alter the fact, in relation to the world which remains one and the same, though changing with respect to the composition of its contents.»

um membro dele.²³ Para além do mais, este mundo está aí para mim, não apenas enquanto um mundo de meras coisas, mas também com a mesma imediaticidade como um *mundo de objetos com valores, um mundo de bens, um mundo prático*.²⁴ Eu simplesmente encontro as coisas físicas mobiladas diante de mim, não apenas com meras determinações materiais mas também com características de valor, como belo e feio, agradável e desagradável, concordável e implausível/[discordável], e afins.²⁵ As coisas físicas estão aí como Objetos de uso imediatamente, a “mesa” com os seus “livros”, o “copo para beber”, o “vaso”, o “piano”, etc.²⁶ Estas características de valor e características práticas também pertencem *constitutivamente aos Objetos “à mão” enquanto Objetos*, quer eu me volte para tais características e para os Objetos quer não.²⁷ Naturalmente, isto é aplicável não apenas no caso das “coisas meramente físicas”, mas também no caso dos humanos e animais brutos pertencentes às minhas cercanias.²⁸ Eles são meus “amigos” ou “inimigos”, meus “serventes” ou “superiores”, “estranhos” ou “parentes”, etc.²⁹”

23 «It is continually “on hand” for me and I myself am a member of it.»

24 «Moreover, this world is there for me not only as a world of mere things, but also with the same immediacy as a *world of objects with values, a world of goods, a practical world.*»

25 «I simply find the physical things in front of me furnished not only with merely material determinations but also with value-characteristics, as beautiful and ugly, pleasant and unpleasant, agreeable and disagreeable, and the like.»

26 «Immediately, physical things stand there as Objects of use, the “table” with its “books,” the “drinking glass,” the “vase” the “piano,” etc.»

27 «These value-characteristics and practical characteristics also belong *constitutively to the Objects “on hand” as Objects*, regardless of whether or not I turn to such characteristics and the Objects.»

28 «Naturally this applies not only in the case of the “mere physical things,” but also in the case of humans and brute animals belonging to my surroundings.»

29 «They are my “friends” or “enemies,” my “servants” or “superiors,” “strangers” or “relatives,” etc.»